

3 – O Verbo se fez carne E habitou entre os homens

O paralelismo entre Ciência e Magia é útil para o tema deste livro porque o conceito de Terras Sagradas aponta para uma convergência com o moderno entendimento sobre equilíbrio ecológico. Para a Magia (outro nome do Ocultismo e do Esoterismo, realçando o lado prático destes), a Terra como corpo de Deus é a expressão física do Planetário da Ronda, o agente-mor da consciência do presente ciclo evolutivo; e o Universo é o habitat da Terra e de tudo o que nela existe, a começar pela Humanidade.

Nesse paralelismo verifica-se mais uma vez como a linguagem da Ciência tem muito em comum com a linguagem do Ocultismo, forma mais tradicional do Esoterismo.

Segundo a teoria científica do *bigue-bangue* (em inglês, *big-bang*), a mais aceita atualmente, o Universo começou com um objeto chamado de Ovo Cósmico (certamente, o Átomo Primordial dos ocultistas) e às vezes de Astro Zero (*Zero Astro*, expressão que lembra *Zoroastro*).

É interessante notar que Zoroastro, outro nome de Zaratustra, nascido na Média no séc. VII a. C., foi o criador da casta dos Magos e reformador do masdeísmo, religião dos persas antigos, caracterizada pela divinização das forças naturais. Parece ir além da mera coincidência o fato de os cientistas da modernidade, magos da Ciência contemporânea, homenagearem o mestre dos magos antigos, pelo nome dado ao objeto inicial da Criação.

Para os cientistas o Universo como o conhecemos formou-se a partir da formidável explosão (o *bigue-bangue*) desse objeto onde se acumulava, em altíssima condensação, tudo aquilo que viria a constituir a Matéria existente hoje.

A hipótese científica supõe que o Ovo Cósmico consistia de “matéria degenerada” (pela formidável densidade). Etimologicamente, pode-se entender esta expressão não como “corrompida”, mas como “não gerada” (como em “destituir” no sentido de “privar”; ou seja, “matéria privada de geração”, vale dizer, “matéria antes de ser gerada”).

Tanto é válida essa interpretação que, para os cientistas, foi com o *bigue-bangue* que se formaram os elementos físicos/químicos (começando com o hidrogênio, o de menor peso atômico), e dos quais é constituída toda a matéria conhecida.

Um apêndice ou variante dessa teoria consiste em que o Ovo Cósmico (que viria a explodir) surgiu como resultado da contração do Universo que antes existia, semelhante a este nosso. Nessa hipótese, as galáxias, estrelas e tudo mais existente em outra era foram aproximando-se mutuamente por força da atração da gravidade, condensando-se até formar o Ovo. Quando a condensação chegou a um ponto insustentável, o Ovo explodiu, dando início aos processos que, em suma, configuraram a Criação como a percebemos.

Tal hipótese admite que o Cosmos é pulsante, isto é, parte do bigue-bangue do Ovo Cósmico e depois volta a este, assim : impelidos pela explosão inicial, os objetos cósmicos primeiramente se afastam uns dos outros, até que perdem o impulso, o suficiente para começarem a voltar ao reencontro geral, quando se forma novamente o Ovo. E este torna a explodir, começando tudo de novo, numa repetição interminável, levando dezenas ou talvez centenas de bilhões de anos nesse andamento. É a idéia do *L'Éternel Retour* (o Eterno Retorno) na escala macro. No conto de Azimov, já citado (cap. 2), encontra-se uma versão informatizada disto. Corresponde aos conceitos de *manvantara* (atividade) e *pralaya* (inatividade), conforme visto no capítulo anterior.

A idéia científica do Universo pulsante tem entrado e saído “de moda” entre os físicos teóricos, divididos entre esta hipótese e a do Universo que se expande para sempre, não voltando ao ponto de origem.

Havia na Antiguidade uma doutrina que lembra a teoria pulsante. Comum aos filósofos órficos, pitagóricos, jônios e estóicos, considerava que o Mundo, ao fim de um determinado período, retorna ao caos inicial, a partir do qual novamente se cumprirá um ciclo idêntico ao anterior, e isto ocorre um número indefinido de vezes.

Esta ideia está próxima da concepção ocultista, mas com uma importante diferença. Para o Ocultismo, o Universo não faz uma volta circular, e sim elíptica ascendente. Isto é, partiu do Caos para o Cosmos (o Manifestado, a Criação inteligível, de uma fonte inteligente). E caminha para um amadurecimento nessa direção, onde inteligência, harmonia e amor se entrelaçam. Os períodos de descanso (*pralaya*) podem até certo ponto ser entendidos como retornos momentâneos ao Caos. Porém, de cada vez que reentra em atividade (*manvantara*), o Universo alcança um ponto mais alto da curva, avança, melhora, porque em cada etapa realiza um aprimoramento, um enriquecimento mental, espiritual.

Pela distância entre as galáxias, medidas atualmente, além de outros indicadores, os cosmofísicos modernos têm meios de calcular o momento em que ocorreu o bigue-bangue: há cerca de 20 ou 25 bilhões de anos. Esta seria a idade do Universo. Desde os tempos do esplendor da Civilização Atlante, há milhões de anos, sabia-se que a história do Mundo vinha de um tempo, já naquela época, remotíssimo, na escala temporal que a Ciência moderna só veio a admitir há uns poucos séculos. Até há uns 150 anos, não se imaginava que o Universo fosse tão "velho".

Na Tradição ocultista, a sucessão de Sistemas de Evolução corresponde à hipotética sucessão de Ovos Cósmicos e bigue-bangues da linguagem científica (hipótese do Universo pulsante, descartada ao menos momentaneamente pelo telescópio espacial Hubble, como registraremos logo adiante). Em tanto uma como na outra linha da Ciência – antiga ou arcana, de um lado, e moderna, do outro – tal sucessão é infinita, olhando-se quer para o passado, quer para o futuro. Recentemente, passou a predominar entre os cientistas a preferência pela hipótese de que o Universo não é pulsante. Ao contrário: estaria envelhecendo e caminhando para a morte sem perspectiva de renascimento. Esta tendência formou-se a partir da interpretação de novos dados re-

colhidos pelo Hubble, mas nada prova que futuras observações não possam vir a reverter-la, como aliás é provável.

No Ocultismo, fala-se de uma série infindável de Sistemas, que se sucedem interminavelmente agrupando-se em conjuntos de sete Cadeias Planetárias (um Planeta ou Globo para cada Cadeia). Na realidade são oito Cadeias, porque cada conjunto de sete forma uma oitava coisa, que é a síntese de todas e que serve de base para o início do Sistema seguinte.

Por essa seriação infinita, a História toda da Criação não teve começo nem terá fim, havendo, como já vimos, intervalos ou períodos de descanso entre dois ciclos de atividade.

Uma comparação com certo fato verificado na experiência comum pode ajudar a conceber a existência desse número incontável de etapas da Evolução: na Música, usa-se a expressão “uma oitava” para designar o intervalo de oito graus ascendentes ou descendentes entre duas notas de mesmo nome (de um dó mais alto a um dó mais baixo ou vice-versa). Existe uma infindável sucessão de escalas musicais acima ou abaixo daquela que se está tocando/ouvindo. Subindo ou descendo, há sempre uma escala a mais, apenas com a limitação circunstancial da capacidade do instrumento e do ouvido. Uma outra limitação mais complexa seria a própria capacidade vibratória da matéria, capacidade esta que, na concepção ocultista, certamente aumenta com a sutilização crescente da própria matéria.

Os antigos filósofos hindus que ao longo de várias gerações elaboraram a filosofia Vedanta, mergulhando nas mais profundas abstrações, eram também práticos a seu modo. Eles consideraram, para o benefício da prática filosófica, que o começo de tudo foi o início do atual Sistema de Evolução ou Quarta Cadeia Planetária, da qual, como se viu, a nossa Terra é o Quarto Globo ou Planeta. O que ocorreu antes disto é inacessível à especulação e muito menos ao conhecimento. Desta forma, a história ficou tendo um começo mais ou menos definido, para o governo do alcance da compreensão. A Ciência moderna também assume que a história do presente Universo teve princípio com o bigue-bangue, e o que havia antes não é, ao menos por enquanto, passível de conhecimento.

Na concepção ocultista, a evolução da inteligência e da consciência é o almejado produto final da Evolução como um todo e necessita de uma base corporal (física), que é a própria Humanidade. Esse produto será final, mas não terminal, já que o processo não parece caminhar para um desfecho definitivo; isto é, sempre haverá mais conhecimento e amor no Cosmos (v. cap. 2), até um nível impossível de se imaginar.

À medida que a Evolução vai transcorrendo e produzindo seus resultados, cada Sistema de Evolução resulta em um conjunto de seres que assumem a vanguarda do processo evolutivo, daí p’ra frente. E cada conjunto desses seres (em geral tidos como sendo 777, um número padrão, simbólico, conforme explanado no capítulo anterior) vem a constituir uma Hierarquia Criadora. Uma Hierarquia é o sumo ou síntese da evolução da consciência em determinada etapa.

Tat, Aquele, o Eterno, Deus, existe originalmente como Caos, Ovo Cósmico, uma matéria que não é “material” (física), mas é o “material” (matéria prima, insumos mentais/espirituais) com os quais o mesmo Tat vai trabalhar para produzir a manifestação ou criação. É aí que ele se torna o Supremo Arquiteto, o Criador em pleno trabalho.

Pode-se dizer, para efeito didático ou talvez poético, que o bigue-bangue foi a “explosão” do pensamento do Eterno, que estava em repouso (*pralaya*) e despertou. Esse Caos primevo é mencionado logo no primeiro parágrafo da Bíblia, onde está dito que “no princípio era o Caos”, o abismo sobre o qual pairava o Espírito de Deus (em hebraico, *tohu-bohu*).

A analogia com a explosão sugere também a idéia de som. Imagine-se o estrondo de uma detonação desse porte, se já houvesse ar para propagá-lo e ouvidos para percebê-lo. Foi certamente a primeira "palavra" pronunciada pelo Criador.

Por isso se diz que um *avatar* (“encarnação da divindade”), ente humano diretamente inspirado pelo Logos criador (a exemplo de Zoroastro, Sibila de Cumes, Pitágoras, Moisés, Odin, o Buda, Jesus, Maomé, Helena Blavatsky, o brasileiro Henrique José de Souza e tantos outros), é o senhor da Palavra Perdida.

À medida que esse processo (a propagação da grande explosão ou palavra original) vai crescendo e desdobrando-se (multiplicando-se), distanciando-se do ponto inicial, o Logos criador vai tendo necessidade de agentes seus. São criaturas formadas no próprio processo, que trabalham pela difusão e a prática da linha do pensamento originário, inicial (divino).

Cabe a esses entes pensar e agir em sintonia com o pensamento do Criador. Sem isto, a Criação se distanciaria do rumo programado.

Como diz o poeta Augusto dos Anjos, a Manifestação passaria a ser uma “alavanca desviada do seu fulcro”.

Conforme já se viu no capítulo anterior, para a ciência arcana o “*fiat lux*” refere-se não propriamente à criação da luz física, mas ao início do processo do conhecimento, da inteligência, da iluminação da própria mente divina expressa na mente humana: é como que o Ser supremo abrindo os olhos depois de uma noite de sono e de repente vendo o clarão do estado de vigília. É o ponto de partida do Universo inteligível, que começou com o começo do fim do Caos, entendido este como o repouso da mente divina, ou seja, sua momentânea desativação. Na falta da atuação do divino, o Universo fica “demente”, caótico. O fim do Caos seria representado justamente pelo bigue-bangue. “*Faça-se a luz*” significa, então, “organize-se o pensamento, exerça-se o entendimento, tenha fim o estado de ausência da razão divina”.

Sendo produto do pensamento de Tat, o Cosmos precisa ser constantemente “pensado” na linguagem Dele. Do ponto de vista humano, esta linguagem deve ser intuída na parte onde permanece misteriosa, bem como estudada e praticada onde já foi as-

similada pela mente humana (uma pequena parte). Quanto maior o conhecimento e a assimilação do pensamento divino, que as criaturas humanas já tenham alcançado, mais verdadeira e eficaz a linguagem humana e mais completamente a criatura vai-se tornando, também, criador.

O que é subjetivo precede o que é objetivo, sem que um deixe de ser o reflexo do outro, como no símbolo maçônico: dois triângulos isósceles (de lados iguais), um por sobre o outro, o primeiro com o vértice apontando para cima, o segundo para baixo, ambos tocando-se pelos respectivos lados superior e inferior (às vezes desenhados com uma estreita faixa separando-os). O de cima representa o Eterno (Aquele que pensa primeiro, que tem a iniciativa de “agir” espiritualmente); o segundo, o Supremo Arquiteto (Aquele que é o primeiro a operar mentalmente, impulsionando a construção do que é concebido espiritualmente).

O MENTAL E O ESPIRITUAL NA ESTRADA DA EVOLUÇÃO

A diferença entre “espiritual” e “mental” não tem nada de nítida. Os conceitos se interpenetram e se permutam continuamente. Para efeito de apoio ao entendimento, pode-se dizer que a tônica do Eterno consiste em “pensar em agir”, e a do Supremo Arquiteto, em “agir pensando”. Sendo um o reflexo do outro, só são perceptíveis pela mente humana quando juntos. E este seu aspecto dual funcional percebido pela inteligência humana é o que se chama de *Logos Criador* ou simplesmente *Logos*. Aliás, pode-se entender que o mundo humano está representado, nesse símbolo gráfico, pelos lados (dos triângulos) que se tocam ou pela estreita faixa entre eles. Neste sentido, a Humanidade é “a ponte que une e separa” a idealização do plano divino da realização da vontade divina.

Uma outra forma deste simbolismo apresenta os dois triângulos entrelaçados e meio sobrepostos, formando a estrela de seis pontas, estrela-de-davi ou signo-de-salomão. Considerado o grande emblema judaico, também é muito utilizado nos mais diferentes níveis de práticas mágicas (assim como a estrela de cinco pontas) e amplamente adotado como distintivo de xerifes norte-americanos. A figura do xerife tem, aqui, valor simbólico, representando a Lei ou programação cósmica aplicada à vida.

Para estender esta reflexão ao assunto “Terras Sagradas”, vamos aqui ampliar o recurso à “gíria dos micreiros”, utilizada no capítulo 2. Não há o risco de cairmos demasiadamente no concreto, uma vez que a linguagem da Informática exige níveis de abstração que nos defendem de um excesso de objetividade incompatível com o tema.

Veja-se Tat, Aquele, o Eterno, como sendo o Inventor/Projetista do grande *hardware*, o equipamento físico do “Computador Cósmico” e os dispositivos a ele diretamente relacionados, isto é, sua *configuração*, metáfora do Universo.

O Supremo Arquiteto seria então o construtor desse “Computador”, o Universo, concebido pelo Eterno. Juntos, os dois – o primeiro pelo lado de sua tônica, a *pensação*, e o segundo pelo lado da *real ação* ou *real(iz)ação* –, produzem o *software* da Evolução, a Programação Cósmica, “base de dados” sobre a qual o Sistema trabalha. Os

Planetários (cap. 2) são representantes do Eterno e do Supremo Arquiteto nas sete etapas macro, sucessivamente.

Nessa analogia, cada ser humano seria o operador de um terminal do “Computador”. E cada Terra Sagrada, um terminal. Daí que a localização de cada uma dessas “terras/terminais”, bem como a eficiência e o acerto da operação da mesma, dependem do conhecimento e da prática que cada pessoa aí colocada tem da Programação Cósmica.

Uma outra tradução material da alta abstração do pensamento foi sem dúvida, de certa forma, consagrada há quatro séculos por Isaac Newton, quando chamou de Mecânica Celeste o funcionamento do Cosmos. Na Física moderna, usa-se expressão de sabor similar, Mecânica Quântica.

Na concepção esotérica (ocultista), o Programa cósmico, para funcionar bem, necessita de operadores que aprendam a lidar com a *mecânica* do mesmo, que o estudem, o “*sintam*”, o vivenciem e tirem dele o melhor partido. Os operadores devem ser inteligentes e estar conscientes das possibilidades, procedimentos e “manhas” do conjunto.

E o desenvolvimento da inteligência/consciência dos operadores cabe a cada um deles mesmos - mas também à Humanidade como um todo, com aqueles mais aptos e vocacionados para tanto sendo pontas-de-lança. O estado de consciência de cada um é relativo ao de todos, e vice-versa. Neste sentido os humanos são, nos mais diferentes níveis, operadores escalados pelo binômio Eterno/Supremo Arquiteto. Quanto mais capazes forem eles de operar o Programa, mais fiel e completo será o resultado desse trabalho (que vem a ser a própria vida, afinal).

Os operadores mais sintonizados e familiarizados com o Programa cósmico elevam-se ao grau de agentes assumidos da magna dupla Eterno/Supremo Arquiteto. De forma mais ou menos consciente, de acordo com seu nível evolutivo, consciencial, os agentes envolvem-se diretamente na construção da ponte de mão dupla entre o espiritual e o material. Assim, os pontas-de-lança funcionam como orientadores ou instigadores dos novos contingentes humanos que vão entrando em cena no palco da Evolução. Como artesãos da criação constante, regendo-coordenando essa produção da realidade mental/material, são então chamados de Hierarquias Criadoras.

Tal noção conduz, como se verá mais adiante, à doutrina dos avatares conforme o Ocultismo e o Budismo esotérico. São seres originalmente humanos, longa e profundamente evoluídos. Tão identificados estão com o Espírito de Verdade (o pensamento de Deus em ação, o Logos) que, na perspectiva religiosa, especialmente do hinduísmo, chegam a ser considerados reencarnações de Deus (ou de um deus).

O EFEITO-CASCATA NA CRIAÇÃO E UM CARDUME NA PIRACEMA

Às vezes implícita, outras vezes explícita nessa concepção, está a ideia de que toda a Criação, sendo obra da inteligência divina, necessita da interveniência e/ou interme-

dição humana por ela inspirada. Nada mais lógico, considerando-se que, na linha do entendimento místico, reconhece-se a existência da Programação a cumprir, delineada pela consciência ou inteligência *macro*, criadora. As criaturas, com seus respectivos níveis de percepção, conhecimento e amor-sabedoria, são o *efeito-cascata* da inteligência suprema do Eterno, Tat, o Criador, Deus, Supremo Arquiteto. Crescem e voltam para Ele - como salmões na piracema.

Esta metáfora parte da cena em que os animais, remontando o curso do rio para a reprodução, são tão numerosos que formam como uma *cascata de peixes* - uma cascata que, em vez de cair, sobe. O acontecimento reproduz o momento da Criação, quando as criaturas voltam ao Criador para retro-alimentar o Programa e realimentar o processo. É a criatura (Deus em matéria, Supremo Arquiteto) subindo de volta ao Criador (Deus em espírito, o Eterno) e levando a experiência obtida no mundo material, a qual vai enriquecer a consciência Dele.

Outra forma de apresentar a metáfora: o *efeito-cascata descendente*, personificado no Logos, percorre todas as hierarquias e escalas; isto é: cada ente ou coisa no Universo é pelo menos como que “uma gota-peixe” da consciência derramada pela mente divina, de patamar em patamar, fragmentando-se até os planos mais baixos da evolução. (Em lugar de “uma gota”, pode-se dizer “uma vibração sonora”, para se ficar na ideia do Som, da Palavra divina, como sendo a origem e a base do processo). Quando voltam à origem, na inversão da direção pelo *efeito-cascata ascendente*, as águas e suas gotas/peixes estão energizadas e purificadas.

Há ainda um outro ângulo da metáfora. As águas do Logos derramam-se pelo mundo e penetram na matéria (o corpo do Planetário), lavando-a e ao mesmo tempo filtrando-se nela. Pela chuva e as nascentes, voltam limpas e mais palatáveis, realimentando a vida e matando a sede do próprio Logos.

*

Em resumo: no misticismo ocultista, o Mundo é uma criação, uma construção da Mente suprema, com retroalimentação. E como é no ser humano que a Mente encontra seu ponto mais alto no Universo material, cabe à Humanidade sintonizar-se mentalmente com o programa evolutivo, para melhor realizá-lo. Para tanto, conta com a ajuda dos seres que vão chegando primeiro à realização dos valores dessa sintonia: Hierarquias Criadoras, Avatares, Manus, *Cristos*, *Budas* (estes dois termos designam graus de iluminação espiritual, não se tratando, portanto de nomes próprios). Seguem-se, nessa escala, os Adeptos, Mestres etc.

A doutrina dos avatares está intimamente relacionada com a existência de Terras Sagradas. Sendo eles originalmente humanos, e (re)assumindo a condição humana ao virem ter entre nós, necessitam de condições ambientais que tornem menos árduo e difícil o cumprimento de suas missões. Este aspecto será mais detidamente abordado no próximo capítulo.

Nessa linha, a Humanidade atual é, em grande parte, produto da atuação de Hierarquias Criadoras. Estas por sua vez são resultantes da evolução humana nas etapas anteriores à terrestre. Não estão material e humanamente manifestadas como os avatares, adeptos e mestres. As Hierarquias criadoras são seres energéticos, não dotados de algo que se pudesse compreender como sendo um corpo “físico”. Por isso mesmo precisam dos avatares e dos humanos para agir no mundo.

Seus nomes, do sânscrito: Assuras (formados na Cadeia (Sistema) Planetária de Saturno), Agnisvatas (vindos da Cadeia Planetária do Sol ou Pitris solares), Barishads (que representam a síntese da evolução na Cadeia Planetária da Lua, ou Pitris lunares), e Jivas, ora em fase final de formação. Há uma hierarquia especial, de algum modo filiada mas também, misteriosamente, paralela a estas quatro: a dos Kumaras ou Assuras Primordiais.

Na linguagem comum, pode-se dizer que um certo indivíduo, embora “normal”, de carne e osso, é um Assura ou um Agnisvata etc. Quer-se com isto dizer que ele, mesmo encontrando-se em forma humana, está na linha desta ou daquela hierarquia, pensando, sentindo e atuando no *comprimento de onda*, na *frequência vibratória* da mesma. Porém, diferentemente dos Avatares, dos Mestres etc., o ser humano padrão raramente tem a consciência objetiva disso.

A Hierarquia Jiva é a que se encontra atualmente funcionando na Humanidade e é, aliás, a vanguarda espiritual dos humanos, que hoje são todos basicamente Jivas. O produto evolucionar desse trabalho virá a constituir a Quinta Hierarquia, ainda sem nome definido, por estar em início de formação.

O HOMEM DE SETE CORPOS E O ANJO CAÍDO PARA EVOLUÇÃO

Na criação material a partir da realidade mental superior, um dos papéis dessas Hierarquias tem sido ajudar a criar, desenvolver e aperfeiçoar o aspecto corporal do ser humano, trabalhando em níveis cada vez mais “densos” da matéria.

As Terras Sagradas funcionam como uma ligação concreta entre a dimensão do físico e a dimensão do espírito no corpo do Planetário da Ronda, que é o próprio planeta Terra.

No Ocultismo, quase tudo são corpos. O ente humano possui sete componentes, chamados de “veículos” ou “corpos”. Eles compõem os dois polos de uma unidade, gerando o ser integral, o Oitavo. Um dos polos é a Personalidade, dita “a Pedra Cúbica”, justamente por constar de quatro “lados” ou aspectos. É o Quaternário Inferior, que serve de base dinâmica para a realimentação dos níveis superiores da Consciência manifestada. Esta vem a ser o ouro pólo, a Tríade Superior. O ser humano completo, realizado, consiste da Pedra (com seus quatro componentes) e da Tríade (com três) em perfeita articulação.

Em uma outra forma de dizer: a Tríade Superior engendra a Pedra Cúbica para vir aos planos mais densos da realidade a fim de ganhar experiência. E para que o processo se complete, a Pedra precisa de canais de comunicação com a mesma Tríade.

Os componentes de ambas são chamados de “corpos” ou “veículos”. Cabe aqui uma resumida exposição de sabor didático.

Veículos da Tríade Superior (Ego Superior, Verdadeiro-Eu, *Self*, Mônada):

corpo mental abstrato ou inteligência pré-intuitiva;

corpo búdico ou intuitivo pleno e

princípio crístico ou de Atmã, ente espiritual/divinal, o ego da própria mônada, que vem a ser a emanção individual da consciência suprema; a mônada é o indivíduo espiritual em eterna evolução; numa formulação poética, é cada centelha do fogo divino.

O mental abstrato e o búdico interpenetram-se continuamente e, juntos, formam o *corpo* causal. Na filosofia dos iogues clássicos, tal veículo tem este nome porque recolhe os resultados das experiências vividas pelo ente ao longo das encarnações, os quais, trabalhando como *causas*, amoldam as vidas seguintes.

Veículos do Quaternário Inferior (Ego pessoal, Personalidade, Pedra Cúbica):

corpo ou veículo energético-vital, correspondente ao *prana* (vitalidade), por isso também dito “prânico”;

corpo anímico ou astral (psíquico-emocional-prânico, com um vestígio do mental), geralmente identificado com o que se considera como sendo a “alma” (em sânscrito, *kâma-rûpa*, significando *corpo* ou *veste do desejo*);

corpo ou veículo físico, aquilo que vulgarmente se chama de “corpo” propriamente dito, ou seja, esse objeto de carne e osso, que contém o astral e o vital.

corpo mental concreto, que funciona englobando os demais junto com o raciocínio objetivo, que é o processamento cerebral feito a partir dos dados recolhidos pelos cinco sentidos.

Na realidade, estes quatro componentes estão imbricados, entrelaçados uns nos outros. Há uma certa mistura de termos que às vezes chega a dificultar a compreensão da constituição do ente humano. Por exemplo, a “alma” ocasionalmente é chamada de “duplo etérico”, nome também atribuído a uma outra forma, a do aura, que é o reflexo (ou “rebarba”) do corpo etérico na vizinhança imediata do corpo físico.

Como vimos acima, na filosofia arcana fala-se até em “corpo causal”, quase o mesmo que se dizer “corpo espiritual”, mostrando como, no Ocultismo, Espírito e Matéria são espelhos um do outro: como diz Blavatsky, o Espírito e a Matéria “são inseparáveis, e não obstante estão sempre separados”. No nosso presente estágio evolutivo,

a Pedra Cúbica é um instrumento para a realização de todo o potencial mental do ser humano, devendo, portanto ser entendida como o “meio de campo”.

Para compreender-se o esquema macro da Evolução, é preciso considerar que os Sistemas de Evolução são sete, relacionado cada um deles a um dos Sete Planetas Sagrados, aí entendidos como “corpos de Deus”. Cada sistema seguinte àquele que se encontra ativo é a “Oitava Coisa” - como a oitava da escala musical. E cada Sistema trabalha uma das sete Cadeias Planetárias, aproveitando o cabedal trabalhado na Cadeia anterior e preparando o trabalho nas seguintes. O Primeiro Sistema trabalhou a Cadeia de Saturno; o Segundo trabalhou a Cadeia do Sol, com a experiência da de Saturno; o Terceiro Sistema trabalhou a Cadeia da Lua com a experiência das duas Cadeias anteriores, e assim por diante.

Note-se que os Sete Planetas Sagrados mencionados nas Tradições são Saturno, Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter e Vênus, conhecidos na Antiguidade pelos astrônomos profanos – não iniciados no Ocultismo. Esta lista é acrescida dos astros descobertos depois da invenção do telescópio: Urano, Netuno e Plutão. Deve-se incluir mais um, Vulcano, hoje tido como absorvido pelo Sol. Completa-se a lista com a nossa Terra.

Nos primeiros Sistemas de Evolução, a matéria ainda não existia como a conhecemos hoje. O Ocultismo a chama de “flogística”. O termo *fluogisto* ou “*flogisto*” (do grego *phlogistós* designa uma substância etérea (energética, de energia-vitalidade) e psíquica (contígua ao mental). Dela era constituído todo objeto existente naquelas remotíssimas etapas. Seria um estado intermediário entre o influxo espiritual-mental, emanado da Mente Universal (do Eterno, do Logos, do Planetário), e a manifestação física.

Essa substância vai ganhando densidade à medida que se aprofunda o “mergulho na matéria”, chegando à terceira dimensão (teosoficamente, “o Terceiro Trono”, sendo toda coisa neste estágio feita de “Akasha condensado” – V. Cap. 2).

Não vamos aqui nos deter sobre o acontecido nos três primeiros Sistemas de Evolução, antecedentes do atual (que é, portanto, o Quarto). A repercussão desses acontecimentos sobre o presente Sistema será eventualmente mencionada no curso da exposição. Passemos diretamente ao Quarto Sistema, que já percorreu três das suas Sete Cadeias Planetárias (Mercúrio, Vênus e Lua) e se encontra na Quarta Cadeia, a própria Terra.

Na primeira etapa da Evolução da Terra começou a formar-se fisicamente este planeta, primeiramente no nível etérico-astral (flogístico), como tudo nele. Constituíram-se os minerais em geral, especialmente os metais (ainda não propriamente físicos como atualmente). Configurou-se então o primeiro reino da Natureza, o reino mineral, para o que agiram os Assuras, as consciências vindas do Primeiro Sistema de Evolução (regência de Saturno).

Nessa fase, apareceram os primeiros seres antecessores do ser humano. Pertenciam à Raça chamada Adâmica. Eram formas filamentosas etérico-astrais unicelulares ou quase, e a Hierarquia que trabalhava diretamente com as mesmas eram os Pitris Ba-

rishads ou Progenitores Lunares (provenientes da cadeia lunar). Sendo os primeiros organismos quase “físicos”, estavam próximos a Atmã, a inteligência universal, o espírito do Logos, mas, como recém-nascidos, sem meios de consciência. A parte da Terra onde viviam era o atual círculo ártico. Desenvolveram o sentido da audição e a sua reprodução era por cissiparidade, modalidade de reprodução vegetativa dos seres unicelulares em que ocorre a divisão direta das células..

Na segunda etapa da formação do planeta Terra, agora mais densificado, entraram em ação os Agnisvatas (formados no Segundo Sistema, sob a regência do Sol). Eles conduziram a configuração etérico-astral do Reino Vegetal, com base no trabalho já realizado pelos Assuras. Esses antecessores do ser humano pertenciam à Raça Hiperbórea, sediada no hemisfério norte. Possuíam corpos etéricos, com forma filo-arborescente (à maneira de árvores filamentosas), e neles já se prenunciava a conformação ora animal, ora humana. Ganharam mais um sentido, o tato, e seu estado de percepção era embrionariamente o Búdico (intuição), que veio se juntar a Atmã (ambos estes princípios ainda sem os meios de consciência próprios do ciclo então iniciante). Como na Raça anterior, reproduziam-se por cissiparidade. No final do período, isto começou a modificar-se, com uma insinuação de sexualidade hermafrodita, o que foi chamado pelas tradições de androginismo latente.

Na terceira etapa da gênese da Terra desenvolveu-se plenamente o Reino Animal (meio flogístico, meio físico, como aliás, já então, o planeta e tudo nele), sob a influência dos Barishads, os *Pitris* (Pais) *lunares*, que eram o sumo da Evolução do Terceiro Sistema com base no Planeta Lua.

Por esse tempo, o eixo da Terra era perpendicular ao plano de sua órbita em torno do Sol (Cap. 4). O clima mundial apresentava-se quente, mas uniformizado, não havendo calotas de gelo nos pólos. A Ciência moderna indica que o clima da Terra, nos seus milhares de milhões de anos de meio ambiente completamente formado, tem sido péssimo a maior parte do tempo, com relativamente curtos intervalos de condições meteorológicas razoáveis ou boas. Na época em que surgiu o *homo lemurianus* (se assim podemos chamá-lo), o clima era bem mais estável, apenas perturbado localmente pela intensa atividade vulcânica. Surgiram aí também, mais para o final, sob a influência conjunta dos Agnisvatas e Barishads, os primeiro seres do reino hominal, como desdobramento evolutivo dos reinos mineral, vegetal e animal, anteriormente formados. A raça envolvida era a Lemuriana. Esta desenvolveu subtipos ao longo de diferentes estágios.

Os espécimes lemurianos rudimentares, que se autofecundavam, alcançavam porte gigantesco. Seu estado de percepção assemelhava-se, inicialmente, ao das duas Raças anteriores.

A Terra era o Éden Primordial (que não deve ser confundido com o Éden bíblico, até porque se encontrava em um estado entre o físico e o flogístico). Aí os seres dos quatro reinos da Natureza, na sua situação de (in)consciência, ou de pré-consciência, viviam e conviviam em equilíbrio e harmonia ecológica, nas condições próprias da época. Não havia lugares sagrados especiais, porque toda Terra o era, naquele nível.

No segundo estágio, a diferenciação dos dois sexos definiu-se um pouco mais, embora os seres continuassem andróginos.

Esta raça habitava o continente da Lemúria, tragado, no final de sua história (há uma ou duas dezenas de milhões de anos), pelo que é hoje o Oceano Pacífico, motivo pelo qual seus vestígios não são encontrados, estando submersos nos abismos oceânicos. Há poucas exceções, como a Esfinge de Gizé (onde muito mais tarde viria a ser o Egito) e os *moais* (estátuas gigantes da Ilha de Páscoa), além de alguns outros sinais esparsos pelo mundo.

Em parte de sua trajetória, os lemurianos conviveram com os dinossauros, tendo o surgimento dessa raça ocorrido entre o triásico e o jurássico, em torno de 100-50 milhões de anos no passado. Na Tradição aparecem outras datações algo diferentes: ela teria tido seu maior desenvolvimento na época que, para a Geologia moderna, coincide com o eoceno, quando os grandes répteis já estariam dando a vez aos mamíferos. O eoceno começou há uns 54 milhões de anos e durou até o início do oligoceno, há uns 36 milhões.

Na esfera mitológica, houve, em certo momento, uma ruptura no andamento do Programa Evolucionar. Foi um magno acontecimento que é narrado de diferentes maneiras, conforme a angulação do qual é visto, mas com a mesma tônica.

Sob o ângulo do trabalho dos Sete Planetários (Cap. 2), a Tradição relata que houve uma mudança imprevista no Programa traçado na primeira Assembleia dos Sete Filhos do Eterno: a antecipação da regência do Quinto Luzeiro para completar a do Quarto. Originalmente, o papel do Quinto seria reger a formação do Quinto Sistema. Neste deveria desenvolver-se plenamente, de forma gradual, o mental dos seres humanos, iniciando-se o retorno da Criação ao seio da Divindade, já então com toda a experiência vivida na longa trajetória, e que iria enriquecer a própria Mente divina.

A antecipação foi considerada necessária por ter havido uma “recaída” de grandes contingentes de humanos lemurianos, que regrediram ao estágio animal. Se para a ciência profana o ser humano descende de um tronco comum (o “elo perdido”) de onde também procede o macaco, para a ciência arcana o que se deu foi o inverso, com o macaco descendendo do homem, em decorrência da “recaída” biológica.

O Quinto Planetário, cuja tônica é o magno conhecimento subjetivo mental aplicado à plena vida física objetiva, foi convocado antecipadamente para trabalhar o avanço evolucionar do *homo lemurianus* que viria a converter-se no ser humano moderno. Esse ente encontrava-se num estágio ainda distante daquele em que daria os primeiros passos para desenvolver, na escala geral da espécie, o corpo ou veículo mental concreto, isto é, a capacidade de raciocinar com base no registro sensorial.

Nos primeiros estágios da evolução, os antecessores do ser humano tinham incorporado o etérico (energético-vital), o astral (anímico-vital) e o físico denso, chegando à etapa lemuriana. No coroamento desta deveria ativar-se o mental, o quarto “lado” da Pedra Cúbica. Na programação original delineada pelos sete Planetários, a direção

deste trabalho caberia ao Quarto, Atlasbel, a quem caberia conduzir a transição para a quinta raça-raiz (raça-mãe), que teria plenamente ativada a faculdade mental concreta. Por isso ela acabaria ganhando o nome de “atlante” (de “Atlas”), apesar do que viria a ocorrer.

Quando o Quinto se deu conta de que teria de reduzir drasticamente sua própria consciência para poder relacionar-se com a não-consciência desse ente pré-humano, recusou-se. Alegou que o Quarto, seu antecessor, estava passando-lhe a função de Planetário, com a (pré-)Humanidade num estágio bem anterior àquele em que ele, O Quinto, esperava encontrá-la. E, na Assembleia dos Sete, propôs queimar etapas, doando imediatamente aos lemurianos a personalidade completa, com o mental concreto (raciocínio).

A Assembleia discordou da aceleração imediata da formação da Pedra Cúbica e o Quinto acabou rompendo com seus seis Irmãos, passando a trabalhar independentemente, por fora, com toda a sua Corte. Então o Eterno baniu-o como Anjo Rebelde e convocou o Sexto Planetário, (no Ocultismo, o mesmo Jeovah das Escrituras hebraicas), para assumir a tarefa de conduzir a evolução humana, que não podia ficar sem um dirigente.

Nesta situação de conflito cósmico, quando o Quinto chegou a querer destruir o trabalho já feito, para começar tudo de novo, a Humanidade não deixou de sair ganhando: embora mantendo o andamento gradual decidido pela Assembleia dos 7, o Sexto Luzeiro acelerou a evolução dos corpos dos lemurianos, que em consequência desenvolveram rapidamente o cérebro, o sistema nervoso e o sistema das glândulas endócrinas. Assim se foi criando a alma pessoal (corpo psico-mental), o ego e a inteligência ou raciocínio simples, básico (mental rudimentar).

Nesse trabalho, foi muito importante a contribuição do Quinto, que com suas hostes “corria por fora”, criando atritos e contradições que, para (e ao) se resolverem, aceleravam ainda mais o processo.

Com a raça lemuriana, a Terra entrara definitivamente no seu estado mais denso, objetivo, corporal, passando seu aspecto flogístico para o segundo plano, ficando subjacente, interiorizado. Em compasso com essas mudanças, o ente humano desenvolveu um terceiro sentido, a visão, que veio somar-se aos já existentes (audição e tato), intensificando sua interação com o meio ambiente e, portanto, seu ganho de experiência (informação/conhecimento).

Consolidou-se também a separação dos sexos, com a reprodução humana passando a fazer-se pelo intercuro entre macho e fêmea (v. adiante).

Envolvidas diretamente neste acontecimento estiveram as Hierarquias Agnisvata e Barishad, polarizando-se a primeira no masculino e a segunda no feminino. Tal polarização – ao que se pode depreender de um complexo conjunto de informações – tornou-se necessária para uma intensificação do processamento das experiências, a título de compensação para o impasse colocado pela recusa do Quinto. Participou também

dessa transformação uma outra Hierarquia, a dos Pitris Kumaras ou Assuras Primordiais.

Os Kumaras já vinham conduzindo o processo de interiorização anatômica do olho único que os Lemurianos possuíram inicialmente (depois, passaram a ter dois olhos). Interiorizado, o órgão transformou-se na atual glândula pineal, pré-requisito físico para a formação do aparelho cérebro-espinhal como processador físico do mental. Foi este o aspecto objetivo, corporal, da implantação do Ego no ser humano.

Essa movimentação das Hierarquias no meio dos humanos e a descida do Quinto e do Sexto Senhor com suas respectivas hostes, que entraram em luta umas com as outras são referidos nas Tradições como a Queda dos Anjos.

A Humanidade estava então pronta para uma etapa completamente nova, com características já bem mais próximas da situação atual. Tendo-se formado toda a base acima descrita, surgiram as condições para a criação de um valor completamente desconhecido dos reinos mineral, vegetal e animal: a Cultura ou Civilização, um atributo especificamente humano.

O surgimento do mental e da Cultura é alegorizado nas tradições judaico-cristãs como a degustação do fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, relacionando-se esta alegoria com a separação dos sexos e a necessidade de sua *re-união* no ato reprodutivo. Por isso diz a Bíblia que, antes de comerem do fruto proibido, o homem e a mulher “estavam nus e não sentiam vergonha”. Isto é: como ainda não dispunham do mental, eram inocentes como animais. Depois de comerem, “abriram os olhos e viram que estavam nus” (segundo o texto do livro do Gênesis). Em outra forma de narrar, a tradição esotérica oriental registra que no bojo dessas grandes transformações – concretização do mental, separação dos sexos, invenção da Cultura -, surgiu a noção de Bem e Mal (“eles abriram os olhos”). Antes, Bem e Mal não existiam no sentido que essas palavras viriam a ter.

Deve-se considerar que a Evolução, sem dar propriamente um salto, lançou nessa ocasião as bases para as mutações que iriam consolidar-se em um longo processo, passando pelo estágio atlante e chegando aos primeiros ários, a (hoje velha) raça-mãe da atualidade.

Antes das mudanças, os humanos de então não usavam roupa (o que era favorecido pela amenidade predominante do clima, como já vimos, tão próximos estavam do reino animal). A adoção da roupa é posterior (numa vasta perspectiva de tempo) à separação dos sexos e coincide com os sinais primordiais da Civilização. E a Civilização é a “roupa máxima”, a veste maior da Humanidade. A propósito, Henrique José de Souza, exímio trocadilhista, assinala que a palavra *Europa* significa “a roupa do Ego”, sendo que a palavra *rupa*, em sânscrito, quer dizer *forma*, que é um sinônimo de *veste*.

A TRAIÇÃO DIALÉTICA NO SEXO E A LEALDADE DA ALMA HUMANA

No processo de configuração de dois sexos anatomicamente diferenciados e separados, os seres foram deixando de ser hermafroditas. A dupla natureza masculino-feminina deixou de existir no corpo e foi ativada no psiquismo (alma) e no mental (raciocínio), passando do plano objetivo para o plano subjetivo.

O lado masculino tem sua tônica no mental. O lado feminino, no emocional (ou psíquico). Com a separação dos sexos, dividindo-se a espécie humana em machos e fêmeas, as duas tônicas também se separaram, mas só até certo ponto: o elemento masculino ganhou tônica no mental externamente, interiorizando-se o emocional nele; e no elemento feminino, ocorreu o oposto, tendo-se interiorizado a tônica mental e exteriorizado a emocional. Por isso se diz que o homem tende mais para o racional; e a mulher, mais para o intuitivo (aqui como sinônimo de sensibilidade não-racional).

Em outras palavras (numa perspectiva geral, acima das diferenças individuais e/ou circunstanciais), o homem com seu mental exteriorizado procura na mulher o emocional exteriorizado nela; enquanto a mulher, que passou a ter seu mental interiorizado, procura no homem o emocional interiorizado nele. Na cultura profana, esta noção da ciência oculta/arcana foi assimilada pela psicanálise na linha de C.G. Jung, para quem a mulher tem alma masculina (*animus*); e o homem, alma feminina (*anima*).

Esta bipolaridade se expressa também na localização anatômica dos respectivos órgãos sexuais: externos nos homens, internos nas mulheres.

Desta forma, no interior de cada pessoa, seu conteúdo mental sexual, ao nível da alma, *trai* o continente exterior, ao nível do sexo corporal. E nesta *traição* dialética, bipolar, o ser tem à sua disposição uma tensão criativa, que ele pode aproveitar para se autoconstruir, mas também para se autodestruir. Isto, bem entendido, no plano particular, pessoal. No plano macro, a espécie, segundo o Programa da Evolução, caminha para o androginismo espiritual, onde a *traição* se resolve plenamente, com imenso ganho de amor e sabedoria. Será um nível mais alto e profundo da lealdade da espécie para com o plano divino.

O androginismo psico-mental (fusão de emoção e razão) no nível pessoal, individual, passou a ser o processo de busca do equilíbrio entre as duas tônicas presentes em cada indivíduo, ou seja, o mental equilibrado com o emocional e vice-versa. Na Teologia ocultista a realização do androginismo subjetivo é um passo fundamental para o crescimento espiritual: vale dizer, o retorno consciente da Criatura ao nível do Criador. Isto, por ser o Eterno o Andrógino mais-que-perfeito, trazendo em si o potencial espiritual dos dois sexos.

É por isso que o homem e a mulher procuram-se mutuamente no palco da vida. Originalmente, no estágio instintivo, pré-consciente, o masculino e o feminino existiam juntos em um só corpo. Ao se separarem pela sexualidade, que chegou junto com o processo da dualidade razão/emoção, os seres incorreram no “pecado original”: mergulharam no mundo da matéria (âmbito humano), assim distanciando-se do mundo do espírito (âmbito divino), para com isso crescerem em experiência/consciência. Esta realidade transcendente está expressa no mito grego do romance entre Eros (Espírito) e Psíquê (Alma).

Uma consequência de ordem geral dessa contingência foi que o meio onde se moviam os protagonistas humanos – a própria Terra – “humanizou-se”. O planeta como um todo deixou de ser estritamente o “palco divino” onde se desenrolava a trama cósmica da Evolução, tornando-se um “palco humano”. A trama evolucionar prosseguia e necessitava delimitar seu próprio espaço cênico, onde as Hierarquias Criadoras encontrassem condições relativamente adequadas para continuar trabalhando com e pelos humanos. Estes palcos especiais, em diferentes partes do mundo, viriam a ser as Terras Sagradas.

Mas no momento da Queda dos Anjos, essas Terras Sagradas ainda não eram “necessárias”, o que aconteceria depois, no final da era atlante, como se verá.

A Queda dos Anjos é sintetizada simbolicamente no episódio da esmeralda que se desprende da fronte de Lúcifer no momento de sua precipitação na esfera terrena. No simbolismo, essa pedra preciosa representa a Razão, o Raciocínio. Mais tarde, os Anjos da corte de Lúcifer a recolheriam e a utilizariam para fazer o Cálice ou Taça do Graal, o emblema máximo da busca da Sabedoria. A criação do Graal tem ligação direta com a origem do conceito de Terras Sagradas, uma vez que a presença deste hiper Talismã sacraliza o lugar onde se encontra (às vezes na superfície; outras, mais frequentemente, escondido sob a mesma, mas com influência nela).

OS REBELDES DA EVOLUÇÃO NAS PRIMEIRAS GUERRAS

No final da trajetória da raça lemuriana, os humanos já desenvolviam o sentido de vida social acima do nível meramente gregário instintivo encontrado entre os animais. Acentuou-se a diferenciação entre um espécime e outro, enquanto, dantes, se assemelhavam como, por exemplo, as abelhas ou formigas entre si. No estágio vegetal, a “alma” é um coletivo da espécie (por exemplo, a “alma-laranjeira”, “alma-macieira”, ou seja, a alma de todas as laranjeiras ou macieiras etc.). No estágio animal, a “alma” é um atributo coletivo do bando ou manada, do cardume ou enxame. Entre os lemurianos terminais (os primeiros seres que podem ser chamados de “humanos” no sentido atual) formaram-se as “almas-grupos” (clãs, tribos).

Contudo, eles necessitavam do comando direto de personagens conhecidos na Tradição como “Reis Divinos”. Faziam parte das hostes do Quinto ou do Sexto e eram consciências evoluídas nos Sistemas ou etapas anteriores. Estavam na vanguarda da Evolução espiritual na época e encarnaram entre os lemurianos, ora para ajudá-los, ora para se servirem deles.

O lado “mau” coube aos seres que, embora igualmente evoluídos em Sistemas anteriores, tinham maneiras completamente diversas de agir entre os humanos, por serem consciências rebeldes, agressivas, voltadas para a dominação. No fundo, talvez quisessem impor consciência imediatamente, em vez de trabalhá-la gradualmente.

Cabe lembrar que a macro história da Evolução passa por vastos períodos de confronto entre tendências e tônicas dos magnos personagens em cena, chegando muitas vezes a grandes lutas que deixaram resíduos a serem resolvidos em etapas subsequentes.

A Tradição refere-se a uma Oitava Esfera (não confundir com Oitavo Sistema). A Oitava Esfera é uma espécie de presídio cósmico de segurança máxima, onde eram aprisionados os “bandidos da Evolução”, que ali podiam empreender autocrítica e efetivar o direito ao próprio resgate. Este mito refere-se a uma realidade espiritual que vai aparecer em todo o imaginário da Humanidade, sob uma imensa variedade de nomes, desde a Geena hebraica ao Inferno-Purgatório de Dante, passando pela Reino de Vulcano dos gregos, o Tártaro dos romanos, o Cone da Lua dos eubiotas e até mesmo a Zona Fantasma das histórias em quadrinhos (com o personagem mítico-futurista do Super-Homem).

Na linha dos ensinamentos do mestre brasileiro Henrique José de Souza, vê-se que tudo isto é a cena cósmica, o teatro da vida; trata-se de drama/tragédia/comédia. Aí a bipolaridade (outra palavra para designar a dialética) exige a (e redundante na) existência de protagonistas e antagonistas. Todos são, afinal, criações do Grande Autor (Deus, Logos, Supremo Arquiteto, Planetário).

Naquele episódio da Lemúria, pela necessidade de se dar a “volta por cima” das dificuldades no seguimento da Programação, contingentes de consciências (Hierarquias decaídas) que estavam nos domínios da Oitava Esfera tiveram a oportunidade vir à Terra. Colaborando com as Hierarquias Criadoras, poderiam redimir-se. Porém, nem todos vieram afinados com esse propósito, continuando como antagonistas, vilões, seres tenebrosos.

Do embate de forças e sob o influxo dos reis divinos, foram-se formando, ao longo de inúmeros milênios, na Lemúria, os primórdios da Civilização. Esta propriamente só viria a se configurar na era seguinte, na Atlântida. O movimento lemuriano pré-civilizado tendia para o âmbito mundial: ia espalhando-se por todo o hoje desaparecido continente lemuriano, onde então habitava a Humanidade iniciante (já com uma predominante tipologia física algo próxima da atual).

A Geologia admite que há dezenas de milhões de anos existiu a *pangéia*, um supercontinente englobando todas as terras secas do planeta, as quais depois se separaram. Ao longo de um vasto período de milênios, aprendeu-se a usar o fogo, domesticaram-se animais, introduziu-se o uso de utensílios e desenvolveu-se um rústico artesanato da pedra, da madeira e da cerâmica, além dos rudimentos da agricultura. A culminância desse processo foi criação da arquitetura megalítica (*mega*, grande + *lito*, pedra).

Para exemplificar o nível cultural existente, basta citar o regime do uso do fogo, vigente em grande parte desse período. Cada núcleo de população mantinha uma fogueira central e comunitária acesa permanentemente. Embora o clima em si fosse medianamente estável, havia grandes vulcões ativos e potentes vendavais. Se acontecia de um desses fatores apagar a fogueira, quando não a própria chuva, os prejudica-

dos tinham de ir a alguma população vizinha para obter uma acha de lenha a fim de reativar seu próprio fogo. Nem sempre isto se fazia pacificamente. Havia luta.

Por essas e outras, iniciou-se a construção de fortificações (muitas, de pedras superpostas, sendo a argamassa uma novidade ainda rara). E já na transição para a raça subsequente, configuraram-se as primeiras cidades, algumas delas consideradas sagradas, prenunciando as futuras metrópoles centrais dos atlantes.

A grande característica da cultura lemuriana é que a mesma não tinha referencial de uma experiência de civilização anterior e trazia uma saudade (principalmente na liderança) ao mesmo tempo difusa e intensa de algo indefinido. Esta saudade, que se expressava pelo hábito da contemplação das estrelas, pode ser entendida como a lembrança da origem cósmica, por um lado; e por outro, daquele Éden Primordial terrenal. Tal sentimento ainda se faz presente hoje. Na esfera da memória da espécie, a História volta puramente como Mistério e Mito. Na Lemúria, ambos estes valores atávicos, embora ainda não desaparecessem de todo, acabaram enfraquecendo-se justamente pela Queda e o subsequente aparecimento da Civilização. Era o perde-ganha da Evolução.

O monumento totêmico construído por esse povo e que chegou aos dias atuais é a Esfinge, memorial erigido nos últimos tempos dos Lemurianos, evocando sua ascensão acima do substrato eminentemente animal. Na estátua colossal homenagearam-se as Hierarquias Criadoras participantes de toda a transformação humana até então. O corpo da Esfinge contém elementos das formas dos animais-totens cósmicos, com a seguinte correspondência: Assuras (Águia, Cadeia de Saturno, asas); Agnisvatas (Leão, Cadeia Solar, garras), Barishads (Cadeia Lunar, busto de mulher); Jivas (Touro, Cadeia da Terra, dorso). Na Esfinge de Gizé como a conhecemos, as asas e as mamas já foram levadas pelo desgaste do tempo.

A civilização lemuriana foi favorecida pelo relativo equilíbrio ecológico planetário e o clima em geral estável por toda parte. Mas havia um outro fator que, se resultava favorável por um lado, por outro provocou o episódio terminal da Lemúria. Há uma variedade de maneiras de se contar esta história, mas as coincidências entre as versões predominam sobre as divergências.

Na esfera mitológica, conta-se que diferentes tipos de seres de outras dimensões (identificadas com os planetas dos Sistemas de Evolução anteriores) vieram à Terra (como vimos antes), com distintas intenções e atitudes. Alguns trabalhavam pela ascensão espiritual da jovem Humanidade, enquanto outros se aproveitavam dela (os bandidos da Evolução, já mencionados).

Segundo a lenda, a liberdade de costumes, própria da primeira cultura “pagã”, assumiu formas transtornadas, com o cruzamento entre seres alienígenas superinteligentes, de um lado, e lemurianos ou lemurianas de inteligência naturalmente rudimentar, de outro. Isto gerou indivíduos que se arvoravam em semideuses, disputando a dominação sobre os humanos e fazendo frente aos reis divinos. Foi agredida a paz natural

do equilíbrio ecológico e guerra tornou-se o perverso traço dominante daquela cultura.

O DRAGÃO CELESTE E O FIM DA ERA LEMURIANA

Várias tradições também dão conta de que a era lemuriana foi marcada por um grande evento astronômico que atravessou um vasto período. O satélite da Terra (a Lua de então) aproximou-se demais e, sob a pressão da força gravitacional, esfacelou-se. Formou-se um anel de fragmentos orbitando a Terra (à semelhança dos anéis de Saturno). Era a Serpente ou Dragão Celeste. Um sem-número de fragmentos de rocha foi atritando-se com as altas camadas da atmosfera, chegando a inflamar-se como estrelas cadentes. Eram as Escamas de Fogo. Pelo bombardeio desses meteoritos, as condições de vida na superfície da Terra começam a ficar difíceis, inclusive pelas mudanças no clima.

Finalmente, no encerramento daquela era, o anel orbital colidiu diretamente com o planeta, na região equatorial. Foi o cataclismo que encerrou a história da Lemúria. O continente lemuriano – também conhecido como País de Mu, denominação às vezes aplicada à Atlântida – desapareceu em meio a monstruosos incêndios, erupções vulcânicas, terremotos e maremotos. O oceano – atual Pacífico – cobriu as terras secas onde vivia a maior parte da Humanidade (há indicações recolhidas pela Arqueologia acadêmica de que a Esfinge já esteve submersa - segundo os arqueólogos, em época muito mais recente). Os sobreviventes migraram para outras latitudes, principalmente ao Norte.

Remanescentes lemurianos selecionados e conduzidos por reis divinos refugiaram-se na Ilha Branca ou Paradesa, situada no que é hoje o Deserto de Gobi, então um mar. Ali, na Cidade da Ponte, a fim de salvar e repassar adiante o conhecimento e a prática do Programa da Evolução, a liderança espiritual criou a primeira escola de iniciação. Esta ficou conhecida na Tradição como *Sudda Dharma Mandalam*, a Grande Fraternidade Branca, base do Governo do Mundo (que muito mais tarde passaria a ser Oculto).

Desde então o G.O.M., na sua permanente vigília para o progresso da Humanidade dentro dos padrões das Leis da Evolução, periodicamente lança um movimento cultural/espiritualista (que pode estar centralizado em uma determinada instituição e/ou em um determinado lugar ou terra sagrada). Essas iniciativas são conhecidas como escolas iniciáticas e têm um triplo objetivo: preservar a sabedoria universal em meio às incertezas e acidentes de percurso da História; atualizar perenemente essa sabedoria, sincronizando-a com o andamento da evolução humana; e trabalhar por uma consciência maior entre os seres humanos. Mais do que simples colégios esotéricos (que nelas se inspiram), quem direciona cada um delas é um determinado personagem, uma individualidade altamente espiritualizada (avatara, grande mestre), que vem trabalhar para retificar, restabelecer e/ou implantar novas diretrizes na face da Terra (V. Cap. 2).

Sudda Dharma Mandalam formou os primeiros Adeptos independentes, em número de 49 (um múltiplo de 7 – V. Cap anterior). O termo “Adepto” designa aí um grau de iniciação (acima do comum dos humanos). E “Independente” indica sua incumbência e vocação de trabalhar diretamente no meio da Humanidade, sem compromisso institucional, isto é, sem estarem ligados formalmente a esta ou aquela escola ou ordem.

Sobre a Lemúria, informam Hernani M. Portela e V.H. Portela (Revista “Dhârânâ”, da Sociedade Teosófica Brasileira, depois Sociedade Brasileira de Eubiose, p. 36, n.15-16, janeiro/fevereiro de 1961):

“Lemuriana – O terceiro continente, Shalmali Dwipa, que os geólogos conhecem por Gondwana, onde habitou a terceira Raça mãe, ou dos Lêmures, e que a geologia situa entre as Eras Primária, Secundária e nos sistemas Devonianos, Carbonífero, Permeano, Triássico (apogeu da Lemúria), Jurássico e mesmo Cretáceo, surgiu pela modificação ocorrida com a emersão da imensa cadeia do Himalaia. Mais ao sul os continente se elevam para Leste, ao lado do Ceilão, da Austrália até Tasmânia e a Ilha de Páscoa; para Oeste até Madagáscar. Uma parte da África emerge, igualmente. Dos continente precedentes, a Lemúria conserva a Suécia, a Noruega e a Sibéria.

Vê-se, portanto, que, biologicamente falando, durante milhões de anos, os organismos hermafroditas foram se aperfeiçoando até chegar a uma fase em que os gametas masculino e feminino não mais amadureciam simultaneamente no mesmo organismo. Com o decorrer dos milênios, um dos órgão sexuais aborta por completo; o indivíduo passa a ser nitidamente masculino ou nitidamente feminino. Foi nos últimos dezoito milhões de anos que os Lemurianos passaram a constituir uma raça dióica, isto é, com os sexos totalmente separados. Os homens eram de estatura descomunal e poderosos, pois necessitavam lutar contra animais gigantescos, afins com a evolução daquela época, cosmogônica e antropológicamente falando, como os megalossauros, pterodátiles, etc. A separação dos sexos, aliada à exacerbação dos sentidos, levou a humanidade a se desviar da Lei. (Aliás, segundo a Teosofia e o Ocultismo, os macacos antropóides são os últimos descendentes de cruzamento entre certa classe de homens inferiores e um tipo de animal parecido com a lontra, havido nesta raça, a Lemuriana. Os cataclismos começaram, então, sua obra destruidora. Os fogos da terra e as estrelas do céu varreram do mundo o vasto Continente, restando a Branca ou Paradesa, descrita por Saint-Yves d’Alveydre, Annie Besant e outros. Foi nela que se formou o primeiro núcleo da Grande Fraternidade Branca, também conhecida por Sudda Dharma Mandalam, como escudo defensor do mistério da Esfinge”.

A Grande Fraternidade Branca iria ter papel decisivo na retomada do processo evolutivo no segundo ato do drama/tragédia/comédia da Civilização, que se desenrolaria a seguir, na Atlântida.